

# Ciência e colonialismo em um periódico da Marinha francesa: a história natural nos *Annales maritimes et coloniales* à época da Restauração Bourbon (1814-1830)

*Science and colonialism in a French Navy journal: Natural history in the Annales maritimes et coloniales at the time of the Bourbon Restoration (1814-1830)*

DANIEL DUTRA COELHO BRAGA

Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ

40

**RESUMO** Este artigo analisa formas por meio das quais a história natural foi abordada no periódico *Annales maritimes et coloniales*, editado pelo Ministério da Marinha e das Colônias, na França, a partir da Restauração Bourbon, até 1847. O artigo evidencia a comunicação entre o trabalho editorial da Marinha francesa e o campo da história natural francesa, assim como a própria inserção da Marinha nesse campo, mediante diretrizes de agricultura colonial, avaliações de viagens científicas e publicação de materiais oriundos de regiões portuárias francesas e territórios coloniais. Essas evidências permitem a crítica de estudos cujas interpretações enfatizam a oposição entre civis e oficiais no tocante à história natural e a oposição entre espaços metropolitanos e espaços coloniais.

**Palavras-chave** história natural (século XIX) – Marinha francesa – sociologia do conhecimento científico – periódicos científicos – cultura científica

**ABSTRACT** This article analyses how natural history was addressed in the pages of the French Navy journal *Annales maritimes et coloniales*, which was edited by the Ministry of the Navy and Colonies, in France, from the beginning of the French Restoration onwards. It highlights communication between French navy and the French field of natural history, as well as the very participation of the French navy in this field, mainly through colonial agriculture guidelines, evaluation of scientific expeditions and the publishing of material from French port regions and colonial territories. From this perspective, the article allows us to criticize interpretations which overemphasize opposition between civilians and naval officers in regard to natural history, as well as opposition between metropolitan spaces and colonial ones.

**Keywords** natural history (nineteenth century) – French Navy – sociology of scientific knowledge – scientific journals – scientific culture

## Introdução

Em novembro de 1818, um botânico formado pela Escola de Medicina Naval de Rochefort dedicava-se não a folhas de plantas, mas àquelas de papel nas quais ele mesmo escrevera. Instalado em sua cidade natal – a mesma em que se formara –, o jovem René-Primevère Lesson (1794 – 1849) articulava a publicação de um “artigo do manual de taxidermia destinado ao navegante”, texto referente aos “objetos necessários e preservativos, e ao método de montar e conservar cadáveres de quadrúpedes”. A se guiar pela carta que escreveu em função desse artigo, o que preocupava o jovem, nesse momento, não era o risco de uma avaliação negativa de suas formulações, mas sim exigências editoriais. Seu texto era muito longo. Lesson se justificava reiterando que, embora tivesse retirado tudo o que considerou “inútil”, teria sido “impossível” reduzi-lo ainda mais. A carta encerrava-se com a menção a um futuro segundo artigo, referente a pássaros, o qual talvez fosse dividido em duas partes. O jovem de Rochefort ressaltava, contudo, que a extensão dos textos era um problema inerente aos objetos abordados. “As outras classes de animais”, segundo ele, “ao demandarem preceitos bem menos longos, resultarão em artigos de uma extensão razoável”.<sup>1</sup>

Tanta preocupação se explicava em função do interlocutor do jovem botânico. O destinatário de sua carta era Louis Marie Bajot, identificado ao final do manuscrito pelo próprio Lesson como “redator dos *Annales maritimes et coloniales*”. Tratava-se, portanto, de nada menos do que um periódico editado sob auspícios do Ministério da Marinha e das Colônias, um dos seis principais departamentos ministeriais estruturantes do Estado francês quando da configuração da monarquia constitucional instaurada com a Restauração Bourbon.<sup>2</sup> Nesse sentido, o que poderia ser visto como mero vestígio da comunicação editorial referente a mais uma dentre tantas publicações seriadas da época denota, na verdade, meandros de tensões mais amplas, dentre as quais a necessidade de coordenar as práticas de navegantes da Marinha francesa no tocante à taxidermia e, principalmente, o desafio de tornar públicas essas práticas e as formulações delas decorrentes. O que estava em jogo era a inserção da Marinha francesa da época, uma instituição que atravessava profundas transformações<sup>3</sup>, em um quadro francês de produção de ciência e de atividades editoriais que igualmente passava por mudanças.<sup>4</sup>

O periódico foi editado de modo regular ao longo de todo o período da Restauração Bourbon. As duas partes que o compunham foram definidas como “*partie officielle*”, dedicada à publicação de leis e decisões administrativas, e “*partie non-officielle*”, também designada como “segunda parte”, dedicada às “ciências e artes”. O termo “tomo” foi utilizado tanto para designar o conjunto formado pelas duas partes do periódico, como os volumes encadernados que o compunham. Até 1821, ambas as partes do periódico foram publicadas mediante a edição de volumes específicos, sendo cada parte composta de um só volume. A partir de 1822, no entanto, a quantidade de textos editados sob a rubrica “*Sciences et arts*” fez com que essa parte dos *Annales maritimes et coloniales* fosse publicada em não apenas um, mas em dois tomos. Alguns desses livros chegaram a ser compostos por mais de oitocentas páginas. Todos os volumes foram editados pelo supracitado Louis Marie Bajot. O periódico foi reconfigurado em 1843, adquirindo uma nova seção, intitulada “*Revue coloniale*”.<sup>5</sup> A divisão primordial entre “parte oficial” e “parte não oficial” continuou a estruturar a publicação, que foi mantida regularmente nessa concepção até 1847.<sup>6</sup>

Apesar da regularidade e da amplitude que caracterizaram o projeto editorial, os *Annales maritimes et coloniales*, curiosamente, são relativamente pouco contemplados em estudos de história dedicados à Marinha francesa, tanto em termos institucionais, quanto no tocante à cultura científica modulada pela instituição. A referência a esses *Annales*, assim, é operada em narrativas no intuito de recolher evidências para argumentações referentes a outros temas que não o próprio periódico, ou seja, o periódico é apropriado enquanto fonte documental para a escrita de histórias, mas não enquanto um objeto de estudo em si.<sup>7</sup> Impõe-se, portanto, a necessidade de uma abordagem propriamente sociológica do periódico enquanto texto, no sentido de buscar “significados históricos” por meio do escopo que se estende “do mais circunscrito atributo da forma material do livro à questões referentes ao contexto social, literário e autoral”, tal como no programa de bibliografia e sociologia de textos defendido por Donald Francis McKenzie (1931 – 1999).<sup>8</sup>

Tendo esse quadro em vista, o presente artigo analisa os *Annales maritimes et coloniales*, enfatizando formulações referentes à história natural neles publicadas. A ênfase nessa disciplina se dá não apenas em função das transformações que seu próprio campo atravessava no período,<sup>9</sup> mas principalmente em função de uma relação dupla que o campo da história natural apresentou com o Ministério da Marinha e das Colônias ao longo da Restauração: se, por um lado, esse campo se entremeava diretamente ao colonialismo, em função dos vínculos entre história natural e agricultura colonial<sup>10</sup>, foi recorrente, por outro lado, o conflito entre naturalistas e oficiais da Marinha, principalmente no tocante à composição de expedições.<sup>11</sup> Desse modo, um olhar sobre o trabalho editorial dos *Annales maritimes et coloniales* por meio do foco na história natural permite identificar não apenas vozes e ruídos referentes à inserção da Marinha francesa no campo da história natural francesa, mas também, em igual medida, vozes e ruídos referentes à circulação pregressa de objetos e técnicas em espaços regionais e coloniais, os quais terminaram por ser coletados, discriminados e ressignificados ao longo do trabalho editorial que articulava o periódico. Para tanto, o artigo se divide em três seções, abordando inicialmente o lugar da história natural no periódico para, em seguida, analisar a forma como relações interinstitucionais com o *Muséum d'histoire naturelle* foram registradas nesse trabalho editorial e, finalmente, como circuitos de comunicação e objetos com espaços coloniais foram representados nas páginas do periódico.

## Os *Annales maritimes et coloniales* e a história natural: uma relação regular

42

Cabe ressaltar que os *Annales maritimes et coloniales* foram uma dentre diversas iniciativas editoriais realizadas no interior do Ministério da Marinha e das Colônias ao longo do período da França monárquica parlamentar. Além do periódico, o Ministério também se dedicou à publicação de relatos de viagem e tomos especificamente dedicados a saberes contemplados ao longo de expedições, como astronomia, hidrografia, e a própria história natural. Cada uma dessas empreitadas editoriais apresentou dinâmicas próprias, e foi recorrente a necessidade de interação com outros Ministérios para que todos os projetos pudessem ser concluídos.<sup>12</sup> De todo modo, esse quadro geral de inserção da Marinha francesa em um circuito de atividades editoriais permite reconhecer as especificidades do significado de uma publicação seriada, ambiciosa e regular como os *Annales maritimes et coloniales*, assim como o sentido das menções igualmente regulares à história natural que também compuseram esse periódico.

Embora não tivesse uma seção específica, a história natural sempre constou dos tomos da segunda parte dos *Annales maritimes et coloniales*. Na maior parte das edições do tomo de “Ciências e artes”, textos que contemplassem temas de história natural compunham uma seção também formada por escritos dedicados a outros saberes, como física, geologia, higiene naval, e “estatística e história colonial”. Foram vários os tipos de texto que integraram essa seção. Breves relatórios mencionando coleções de história natural transferidas entre espaços do território francês, avaliações de formulações da Marinha francesa, descrições sobre práticas científicas e mesmo textos mais extensos propriamente analíticos de amostras integraram esse conjunto regular de publicações dedicadas à história natural.

Um tipo de registro recorrente nesse quadro foram textos que elucidavam o desempenho da Marinha francesa no campo da história natural. Nesse sentido, os *Annales maritimes et coloniales* corroboraram a dimensão pública da inserção da Marinha nesse campo, defendendo e legitimando a possibilidade de que oficiais, principalmente cirurgiões e farmacêuticos, fossem socialmente reconhecidos enquanto naturalistas. Exemplo desse tipo de registro foi a publicação de uma “Instrução sobre a importância do estudo das plantas marinhas, e sobre os serviços prestados pelos Médicos da marinha a esse ramo negligenciado dos conhecimentos humanos”, memória apresentada ao *Institut* pelo militar Jean Baptiste Bory de Saint Vincent.<sup>13</sup>

Essa não foi, no entanto, a função preponderante do periódico no tocante à história natural. Na verdade, o escopo de textos referentes à história natural publicados nos *Annales maritimes et coloniales* foi muito amplo e transcendeu a necessidade de legitimar a inserção da Marinha nesse campo. Muitas vezes, o periódico efetuou uma divulgação

do estado da arte da história natural, notadamente em seus vínculos com a agricultura – dimensão que, como será abordado posteriormente, intercalava-se diretamente aos desafios administrativos do Ministério da Marinha e das Colônias. Um naturalista que teve textos publicados nos *Annales* da Marinha foi André Thouin (1747 – 1824)<sup>14</sup>. Do tomo de 1820, constou uma “Instrução sobre o enxerto do cafeeiro” de sua autoria, na qual o naturalista discorreu acerca das “seis espécies de cafeeiro às quais se pode enxertar, com maior ou menor êxito, aquela do comércio”.<sup>15</sup> Outra forma de divulgar essas formulações foi a publicação parcial de textos de outros periódicos, como a “Folha semanal da ilha de Bourbon”, que publicou uma nota sobre “Novos procedimentos empregados na cultura da baunilha”, a qual teve trechos publicados na edição de 1820 do periódico da Marinha francesa.<sup>16</sup>

O campo da história natural foi divulgado pelo periódico em seus aspectos mais amplos, e não apenas no tocante aos vínculos com a agricultura colonial. Isso incluía a possibilidade de publicar trechos de trabalhos de naturalistas que se ocuparam de taxonomia de um modo geral, ainda que não fossem franceses. Um caso de destaque é a menção à obra “*American Ornithology*”, publicada por Alexander Wilson.<sup>17</sup> Os *Annales maritimes et coloniales* chegaram até mesmo a publicar programas de subscrição para subvencionar projetos editoriais em história natural, tal como o projeto “Flora médica das Antilhas, ou História natural das plantas usuais das colônias francesas, inglesas, espanholas e portuguesas”, concebido pelo médico Descourtils, o qual fora “médico naturalista do Governo em São Domingos”<sup>18</sup>.

Atividades contemporâneas de viajantes naturalistas que não eram oficiais também podiam receber destaque nas páginas do periódico. Houve, por exemplo, seções dedicadas às atividades de Auguste Saint-Hilaire na América do Sul, notadamente no Brasil.<sup>19</sup> Nos *Annales maritimes et coloniales*, a primeira menção a esse viajante ocorreu em breve nota no tomo de 1818, na qual se relatava a partida de Saint-Hilaire em abril de 1816 e afirmava-se que o então “jovem naturalista” seguia “com uma rara constância a missão que lhe fora confiada”, o que resultou no envio de caixas dirigidas ao *Jardin du Roi*, que acabavam de chegar a Paris, contendo “vinte e quatro mamíferos; cento e trinta e um pássaros, duzentos e cinquenta e cinco crustáceos e insetos; cinco répteis; e dois pacotes de sementes”.<sup>20</sup> Seis anos mais tarde, Saint-Hilaire foi novamente mencionado nos *Annales maritimes et coloniales*, em função da publicação “*Plantes usuelles des Brasiiliens*” (sic). Dessa vez, estabelecia-se uma comparação entre Saint-Hilaire e o viajante prussiano Alexander von Humboldt (1769 – 1859), elogiando-se o fato de o viajante francês ter realizado “a descoberta da verdadeira quinquina”, assim como as observações referentes à ipecacuanha. A nota foi concluída, enfim, ressaltando simultaneamente tanto o vínculo que poderia ser estabelecido entre as atividades de Saint-Hilaire e a agricultura colonial, como também a utilidade que a produção do viajante poderia ter para oficiais da Marinha francesa, recuperando-se inclusive as observações do próprio viajante prussiano acerca da publicação do naturalista francês:

*Humboldt explicitou, como nós, em que medida o livro Plantes usuelles poderia ser útil a nossas colônias. A segunda tiragem desse livro fornece uma prova não menos impressionante que a primeira. Sabe-se que é consumida na França uma quantidade considerável de ipecacuanha que retiramos do Brasil. Ao indicar os lugares onde essa planta cresce, e a maneira tão fácil de cultivá-la, o Sr. de Saint-Hilaire nos dá realmente os meios de retirar de nossos vizinhos esse ramo do comércio e transportá-lo a Bourbon ou a Caiena.*

*O livro das Plantes usuelles deveria, portanto, encontrar-se nas mãos de todos aqueles nossos marinheiros que frequentam a costa oriental da América do Sul, não apenas como uma obra capaz de aumentar seus conhecimentos e satisfazer sua curiosidade, mas como um guia que possa lhes oferecer os meios de se tornarem úteis a seu país.*<sup>21</sup>

Esses exemplos evidenciam em que medida atividades gerais no campo da história natural podiam ser prontamente apropriadas por um circuito de diretrizes coloniais e estratégicas da Marinha francesa, ao menos em termos de circuitos de comunicação. Todavia, os *Annales maritimes et coloniales* também evidenciaram como essa apropriação se dava não apenas por meio de uma cobertura textual de atividades, mas também por meio do registro textual de relações interinstitucionais. Esse foi o caso da relação que se estabelecia entre a Marinha e a instituição de maior projeção no campo da história natural francesa, o *Muséum d'histoire naturelle*.<sup>22</sup>

## Os *Annales maritimes et coloniales* e a relação entre a Marinha francesa e o *Muséum d'histoire naturelle*

Como demonstrado acima, o lugar da história natural nas páginas dos *Annales maritimes et coloniales* foi regular e, além disso, amplo o suficiente para incluir formulações de civis, incluindo aqueles vinculados ao *Muséum d'histoire naturelle*, como o supracitado André Thouin. No entanto, o periódico não foi apenas um eventual veículo de comunicação das formulações de homens institucionalmente vinculados ao *Muséum*. Ele também foi uma plataforma da própria relação entre a Marinha francesa e o *Muséum d'histoire naturelle* e, nesse sentido, um “lugar editorial” que refratou alianças, tensões e disputas propriamente institucionais no tocante à inserção da Marinha francesa no campo francês da história natural. O trabalho editorial referente aos *Annales maritimes et coloniales* foi uma ferramenta por meio da qual foi possível intervir em tais disputas.

Em alguns textos publicados no periódico, o que se averigua é o caráter público da comunicação efetuada entre a Marinha francesa e o *Muséum*, inclusive no tocante a atividades coloniais. Divulgou-se, por exemplo, o envio de uma carta escrita pelo então Ministro da Marinha ao corpo de professores do *Muséum*, na qual se relatavam as experiências de Nicolas Bréon, o botânico do Rei na então ilha de Bourbon, assim como se detalhava o êxito das experiências com grãos de café importados da Arábia na ilha.<sup>23</sup> Por meio dessa publicação, explicitava-se em que medida o *Muséum* de Paris se intercalava às discussões estratégicas do colonialismo francês, uma vez que o texto discutia, a partir do exemplo da Ilha Bourbon, medidas que poderiam ser estabelecidas também em Caiena e no Senegal, além de ressaltar que se tratava de uma “empreitada igualmente útil à metrópole e à França colonial”<sup>24</sup>.

Essa relação entre o *Muséum* e a Marinha também era registrada em função da proatividade de oficiais específicos. Um exemplo de destaque foi o oficial da marinha Pierre Bernard Milius, que também atuou como governador da então ilha Bourbon. Em diversos momentos de sua trajetória, esse oficial estabeleceu vínculos com o *Muséum d'histoire naturelle*, e suas atividades foram recorrentemente registradas no periódico da Marinha. Elas chegaram até mesmo a ser avaliadas pelo supracitado André Thouin. Em relatório escrito pelo naturalista civil e parcialmente publicado na edição de 1821 dos *Annales maritimes et coloniales*,<sup>25</sup> foi avaliado o envio de uma coleção de objetos de história natural feito por Milius ao *Muséum* de Paris, mencionando-se a comunicação estabelecida entre Milius e o ministro da Marinha, no tocante ao envio de trinta e seis caixas com vegetais, “destinadas à coleção do *jardin du Roi*”, assim como a intenção do oficial de adicionar a essa remessa as eventuais coletas realizadas em função de sua passagem pelo Cabo da Boa Esperança e pelo Brasil, “onde ele pretendia fazer escala com essa intenção”.

A regularidade das atividades de Milius em relação à história natural permitiu que ele fosse representado, no periódico, como elemento de continuidade de uma boa relação com o *Muséum*. Esse tipo de proatividade já havia sido demonstrada pelo oficial antes mesmo do início da Restauração Bourbon. Milius enviara ao *Muséum* coleções de história natural em decorrência de sua participação na expedição comandada por Nicolas Baudin e Jacques Hamelin nas embarcações *Géographe* e *Naturaliste*, no início do século XIX: em função de uma escala, em janeiro de 1804, o oficial comprou “uma coleção de animais vivos” e outros objetos de história natural, os quais foram levados à França e lhe renderam elogios por parte de Fourcroy, então diretor do *Muséum d'histoire naturelle*.<sup>26</sup> Anos mais tarde, em 1820, Milius foi novamente mencionado nas páginas do periódico em função do envio de objetos de história natural à França por meio das ações do oficial Serec, o qual, por sua vez, recebera diversos objetos coletados na ilha Bourbon por intermédio do próprio Milius. O catálogo de objetos enviados foi extenso, e o periódico o reproduziu apenas parcialmente, apresentando somente “os mais dignos de nota em meio aqueles enviados ao gabinete do Rei, em Paris”. Dentre as produções de destaque, mencionaram-se amostras de craveiros, moscadeiras, pimenteiras-de-betel, canforeiras, assim como “várias espécies de palmeiras”. A publicação frisou que “o sr. Milius fez pessoalmente uma doação ao *Muséum*”, apresentando em seguida animais vivos que haviam sido doados, discriminando seus nomes, países de origem, número de indivíduos doados e demais observações em uma tabela que ocupou duas páginas da edição do periódico.<sup>27</sup> Tendo em vista esses atos, não surpreende que a nota de Thouin publicada em 1821, em consonância com os ideais que o naturalista civil vinha promovendo desde o início de sua carreira<sup>28</sup>, tenha se encerrado por meio

do elogio não apenas ao indivíduo Milius, mas também à disponibilidade da Marinha francesa no que se referia ao desenvolvimento de saberes úteis:

*A administração do Muséum só pode compartilhar do reconhecimento que sentem os habitantes das colônias no tocante aos cuidados filantrópicos que presta o ministro da Marinha de modo a estender as produções úteis para o bem-estar da humanidade.*<sup>29</sup>

Apesar desses exemplos, o destaque conferido à relação entre a Marinha e o *Muséum* nas páginas do periódico se concentrou, contudo, no caráter de tutela em termos de protocolos de práticas científicas. Foi nas páginas dos *Annales maritimes et coloniales* que se publicou um texto decisivo referente às relações entre oficiais da Marinha e o *Muséum*, a “Instrução para viajantes naturalistas e para os empregados em colônias, sobre a maneira de recolher, conservar e enviar objetos de história natural”, a qual fora escrita a pedido do então Ministro da Marinha e das Colônias pela própria administração do *Muséum d’histoire naturelle*.<sup>30</sup> O texto ocupou quase cinquenta páginas do tomo de ciências e artes de 1818, contendo instruções detalhadas sobre diferentes práticas, e serviu de base para edições posteriores.<sup>31</sup>

Além de protocolar práticas científicas, o *Muséum*, junto à Academia de Ciências, permitiu a legitimação do exercício científico da Marinha. Esse aspecto também foi registrado nos *Annales maritimes et coloniales*. Alguns dos casos mais explícitos de legitimação das atividades da Marinha francesa no âmbito da história natural se deram por meio das avaliações referentes às grandes expedições de volta ao mundo organizadas pela Marinha.<sup>32</sup> Muitos relatórios de avaliação referentes a essas expedições foram publicados integralmente no periódico da Marinha. As práticas de história natural realizadas ao longo da expedição comandada por Louis Isidore Duperrey entre 1822 e 1825 foram elogiadas por Cuvier, cujo relatório foi publicado já no tomo de 1825 dos *Annales maritimes et coloniales*.<sup>33</sup> Na mesma edição foi igualmente publicada a avaliação que Geoffroy Saint-Hilaire fez da publicação referente à zoologia decorrente da expedição de Louis de Freycinet.<sup>34</sup>

Os *Annales maritimes et coloniales* também publicaram resultados parciais dessas expedições, em formulações produzidas pelos próprios oficiais viajantes. Desse modo, eles funcionaram como um recurso de publicidade complementar das atividades científicas da Marinha, associando-se aos projetos editoriais que culminariam na publicação dos extensos tomos de relatos das viagens e aqueles dedicados a saberes específicos, como astronomia, botânica e hidrografia. Trechos desses tomos específicos poderiam ser publicados no periódico da Marinha, reconfigurando a circulação desses escritos. Esse foi o caso das “observações sobre alguns moluscos e zoófitos vistos como causas da fosforescência da água do mar”, escritas pelos oficiais Quoy e Gaimard após estes terem participado da expedição de volta ao mundo comandada por Louis de Freycinet. Esse texto, publicado nos *Annales maritimes et coloniales* em 1825<sup>35</sup>, constou da edição integral do tomo de Zoologia referente à expedição de volta ao mundo, o qual havia sido publicado no ano anterior.<sup>36</sup> Nesse caso, portanto, o periódico da Marinha funcionou como uma plataforma de circulação complementar ao relato de viagem. Além disso, os *Annales maritimes et coloniales* também permitiram que formulações decorrentes dessas viagens fossem compartilhadas até mesmo anos antes da conclusão da edição de um relato. Esse foi o caso da divulgação da nota referente aos “ornitorrincos”, descritos como “animais da Nova Holanda, tornados mais comuns em coleções de objetos de história natural pelo retorno da embarcação comandada por Bougainville”. A breve nota, embora não apresentasse uma descrição específica decorrente da expedição, explicitou em que medida as coletas dela decorrentes puderam auxiliar Geoffroy Saint-Hilaire no sentido de averiguar se havia duas ou apenas uma espécie de ornitorrinco.<sup>37</sup> A expedição de Bougainville, nesse sentido, obteve interação imediata com o campo da história natural, e tal interação foi explicitada mediante os *Annales maritimes et coloniales*, haja vista que os relatos referentes à expedição, além de terem sido publicados apenas uma década após a conclusão da mesma, não contaram com um tomo específico dedicado à história natural. A seção de história natural da viagem de Bougainville, escrita por René Lesson, integrou o segundo tomo do relato da expedição, publicado dez anos após a conclusão da viagem, e foi composta por menos de sessenta páginas, o que demonstra em que medida não foi uma prioridade editorial, sobretudo em relação às formulações referentes a hidrografia e astronomia.<sup>38</sup> Cabe ressaltar, ainda, que o impasse acerca da classificação taxonômica do ornitorrinco e a coleta referente a essa espécie realizada ao longo da expedição de Bougainville sequer

foram mencionados na seção de história natural do relato de viagem, o que ressalta o caráter complementar alcançado pela nota publicada em 1827 nos *Annales maritimes et coloniales*. Sem o periódico da Marinha, não teria sido explicitado o quanto Geoffroy de Saint-Hilaire foi, nesse caso, tributário das coletas realizadas ao longo da expedição.

Além de ter demonstrado em que medida naturalistas civis do *Muséum d'histoire naturelle* foram tributários de articulações feitas por oficiais, os *Annales maritimes et coloniales* também permitiram a réplica às avaliações feitas por homens de ciência dessa instituição. Nesse sentido, se o periódico reiterou o papel de tutela que uma instituição como o *Muséum* poderia adquirir no sentido de conferir legitimidade às formulações científicas da Marinha, ele não permitiu, por outro lado, que essa tutela se impusesse em esfera pública sem reações.

A supracitada avaliação de Geoffroy Saint-Hilaire em relação à viagem comandada por Freycinet, por exemplo, teve réplicas sobre diferentes pontos do relatório publicadas no periódico.<sup>39</sup> A resposta enfatizou a tensão entre a Marinha e naturalistas civis, recuperando exemplos de expedições do século XVIII que contaram com naturalistas civis e que, no entanto, não tiveram êxito em termos de publicação de dados coletados, para em seguida reafirmar que a marinha francesa apresentava, até então, “apenas uma expedição, e os materiais científicos que ela produziu estão nas mãos de todos”<sup>40</sup>. O que estava em jogo, portanto, mesmo após uma viagem de volta ao mundo, era a definição do reconhecimento social enquanto naturalista e o pertencimento ao campo da história natural, em uma disputa na qual a Marinha explicitava em que lado se encontrava:

*Tal como no passado, deveria se ter deixado aos cuidados dos naturalistas, diz o sr. Geoffroy, os seus negócios. Vimos anteriormente que os negócios dos naturalistas aos quais ele confere exclusivamente esse título não foram de modo geral bem-sucedidos, e poderíamos citar mais de cinquenta deles cujos trabalhos permanecem desconhecidos ou quase irrisórios hoje em dia. A guiar-se pela maneira como se fala deles, tem-se a impressão de que o estudo da história natural pertence exclusivamente a alguns homens. Os naturalistas formam, portanto, um corpo à parte na sociedade! Os espíritos esclarecidos de todas as classes não são mais convocados a explorar o domínio das ciências! A natureza liberal abre indistintamente seu seio a todos aqueles que queiram conhecer suas produções e examinar seus mistérios. Não conhecemos botânicos, zoólogos, mineralogistas em meio aos militares, administradores, negociantes, médicos, etc? Aquele que possui grandes conhecimentos em história natural será privado do título de naturalista porque exerce ao mesmo tempo uma profissão mais ou menos científica? Desse modo, um engenheiro não poderia se dizer mineralogista, um oficial de embarcação matemático, um coronel geômetra, e conseqüentemente os naturalistas jamais seriam químicos, astrônomos, geógrafos, o que é desmentido pelo exemplo de vários colegas do sr. Geoffroy na Academia de Ciências. Foram médicos que prepararam e publicaram a parte zoológica da viagem da Uranie, mas eles a escreveram enquanto naturalistas. Não forneceram tantos médicos, eles próprios, serviços eminentes em meio a todos os povos da Europa, para que não lhes seja proibido ainda o cultivo desse ramo dos conhecimentos humanos?<sup>41</sup>*

## Os *Annales maritimes et coloniales* e as diferenciações regionais francesas no tocante à história natural

Os escritos publicados nos *Annales maritimes et coloniales* também refrataram as diferenças entre as regiões portuárias francesas e a centralidade de Paris. Esses descompassos regionais implicavam diferenciações em termos de cultura científica inclusive no interior da própria Marinha francesa, como já ressaltado em diversos estudos.<sup>42</sup> Mediante os *Annales maritimes et coloniales*, essas diferenciações foram não só referenciadas textualmente, mas também se fizeram sentir na própria atividade editorial. O periódico da Marinha francesa não foi apenas uma ferramenta por meio da qual uma centralidade em Paris recolheu informações referentes a regiões portuárias, mas foi também um lugar por meio do qual essas regiões portuárias puderam interagir com essa centralidade de forma ativa, apesar das assimetrias constitutivas da estrutura administrativa do Estado francês de então.

No tocante à história natural, cabe ressaltar que os descompassos entre regiões francesas faziam com que algumas áreas, sobretudo as costeiras e portuárias, permanecessem visadas até mesmo enquanto um objeto de estudo em potencial. Tal condição permitiu a atualização de uma oposição entre o trabalho a ser feito em regiões ultramarinas e aquele a ser realizado no próprio território metropolitano. Essa tensão foi abordada nos *Annales maritimes et coloniales* até mesmo nos anos finais da Restauração Bourbon. A edição de 1829 contou com um texto elogioso das iniciativas dos naturalistas Audouin e Milne Edwards, que decidiram percorrer as costas “de modo a recolher materiais para servir à história natural dos animais do litoral da França”.<sup>43</sup> Mais do que um elogio a esses naturalistas, o texto também explorou os dilemas, em termos de práticas científicas, no tocante às modalidades de viagens que diferentes tipos de viajantes poderiam realizar, explicitando, assim, os desafios que a Marinha encontrava perante o programa de uma anatomia comparada filosófica:

*Com efeito, o navegante que percorre mares distantes, e que visita localidades tão diversas, possui, quando muito, o tempo de recolher numerosas espécies que cada uma dessas localidades lhe fornece; qualquer que seja o zelo que o anima, é, para ele, difícil fazer um exame aprofundado de sua estrutura, e ele pode ainda mais raramente estudar suas funções e observar as particularidades de seus costumes.*<sup>44</sup>

O texto operou, nesse sentido, uma explícita oposição entre o navegador e o naturalista, explorando as diferenças regionais francesas e o potencial de explorações a serem realizadas no território metropolitano como fatores por meio dos quais o trabalho do naturalista poderia ser elucidado:

*Ao contrário, o naturalista que explora nosso litoral encontra-se em condições favoráveis às pesquisas interessantes e fecundas em resultados importantes: os animais que encontra são consideravelmente diferentes entre si para lhe fornecer exemplos de quase todas as modificações principais da organização; e como ele é o mestre na escolha dos locais e das circunstâncias, ele pode se entregar sem obstáculo a trabalhos anatômicos e fisiológicos, estudar os costumes, tudo observar à vontade, e multiplicar suas experiências, sem negligenciar qualquer uma das precauções necessárias a seu êxito.*<sup>45</sup>

47

Em termos de institucionalização do campo da história natural, os grandes portos franceses se destacavam por sua inserção específica em um circuito de saberes médicos, o que condicionou o fluxo de materiais publicados nos *Annales maritimes et coloniales*. Como ressaltou o historiador Michael Osborne, no século XVIII os portos de Brest, Cherbourg, Lorient, Rochefort e Toulon receberam novas diretrizes estratégicas, diferenciando-se administrativamente de portos como La Rochelle e Nantes. Um dos aspectos decorrentes dessas diretrizes foi a criação de escolas médicas locais em Rochefort, Toulon e Brest, respectivamente em 1722, 1725 e 1731.<sup>46</sup> Em função dessas diretrizes, essas regiões mantiveram uma rede de estabelecimentos próprios, com sua própria inserção no campo da história natural francesa, apresentando, por exemplo, coleções locais específicas.

Esse aspecto é demonstrado pelas seções dos *Annales maritimes* que se dedicaram tanto ao registro como às instruções de coletas, visando a ampliação das coleções disponíveis em portos como Brest e Toulon. Um texto de destaque, nesse sentido, foi publicado na edição de 1824, abordando as “pesquisas às quais devem se dedicar os oficiais de saúde da marinha em regiões distantes, para aumentar as coleções dos portos de França em objetos de história natural, e sobre os meios de conservar esses objetos durante longos deslocamentos”.<sup>47</sup> O texto foi concebido em função da organização da expedição de volta ao mundo comandada por Hyacinthe de Bougainville e reiterava que os gabinetes dos “três grandes portos” franceses poderiam se beneficiar de coletas. Para tanto, apresentava instruções referentes à manutenção de amostras zoológicas, botânicas e minerais, explicitando filiações propriamente conceituais acerca, por exemplo, da finalidade da história natural, com ênfase no programa então preponderante da anatomia comparada:

*A finalidade importante da história natural, sobretudo da zoologia, não é de ver de modo estéril, organizados em fila, sobre pranchas, todos os seres da natureza, mas sim apreender as relações de organização que existem entre eles, para fundar sobre bases amplas uma anatomia filosófica e comparada, a qual conduz a uma fisiologia maior e mais profunda que aquela que se refere ao homem somente.*<sup>48</sup>

O texto contemplava diversas práticas referentes à preservação de amostras. No tocante à zoologia, por exemplo, ressaltava a necessidade de coletar esqueletos completos, mencionando a possibilidade de serrar partes que seriam reunidas posteriormente na França, mas explicitando uma preferência à possibilidade de conservar o animal inteiro em álcool (*esprit de vin*). Ressaltou-se, ainda, a contribuição dos oficiais da Marinha Quoy e Gaimard no tocante ao êxito com esses procedimentos, uma vez que, mediante essas práticas, teriam contribuído para a solução de equívocos referentes à morfologia das preguiças da América do Sul.<sup>49</sup> Esse tipo de descrição é uma evidência de como, conforme divulgavam protocolos de práticas científicas, os *Annales maritimes et coloniales* também contribuíram para fixar a representação de uma contínua e gradual intervenção eficaz da Marinha francesa no campo científico da história natural francesa.

O periódico também funcionou como uma plataforma de divulgação do registro e da avaliação das amostras enviadas às coleções de história natural portuárias. Já em sua segunda edição, os *Annales maritimes et coloniales* publicaram, por exemplo, notas “sobre os diversos objetos de história natural conferidos, em 1817, ao Jardim Real de Plantas de Brest”.<sup>50</sup> O texto ressaltava que essa coleção se tornava “a cada dia mais numerosa em função dos cuidados dos oficiais em geral, e particularmente dos cirurgiões da marinha”, discriminando, em seguida, a entrega de amostras decorrentes de uma viagem à Martinica comandada pelo capitão Fleuriau, dentre as quais constaram espécies como os pássaros *Crotophaga ani*, *Caprimulgus Americanus*, *Bucco Tamatia* e, segundo a taxonomia de Lineu, *Lanius tyrannus*, assim como um lagarto *Anolis*, segundo classificação de Baudin, e uma víbora, descrita tanto mediante uma classificação proposta por Lacépède quanto também por uma classificação proposta por Moreau de Jonnes.<sup>51</sup> Embora não se tratassem de amostras desconhecidas, o que estava em jogo era, justamente, uma maior integração da região portuária à cultura científica na qual a história natural se destacava, o que apresentava significados também políticos, como exprimido ao final do texto:

*Se esses animais não possuem o mérito de serem novos ou muito raros, eles são, contudo, pouco conhecidos, e devem entrar em uma coleção que, pelos mesmos meios, pode se tornar, em alguns anos, considerável e rica o suficiente para despertar o interesse de naturalistas e concorrer, com outros monumentos que decoram o porto de Brest, a embelezar cada vez mais esse magnífico estabelecimento de uma das partes mais essenciais da força pública e do poder do monarca.*<sup>52</sup>

O registro de envios direcionados especificamente para regiões portuárias foi constante nos *Annales maritimes et coloniales*. As menções incluíam inventários quantitativos dos objetos enviados, discriminados mediante diferentes classes, assim como descrições mais detalhadas daqueles até então não disponíveis em coleções. Na edição de 1819, por exemplo, foram listados os cerca de novecentos objetos coletados pelo oficial Huet, que, ao acompanhar uma viagem comandada pelo oficial Kergariou, destacou-se com tamanha quantidade de objetos coletados e preservados. A divulgação de suas coletas ressaltou em que medida a coleção de Brest apresentava, a partir desse envio, objetos que até então encontravam-se disponíveis apenas no *Muséum* de Paris.<sup>53</sup> Outro oficial que se dedicou a coleções enviadas a Brest foi o cirurgião Foulloy, que acompanhara o comandante barão de Backau em uma expedição e retornou à França com mais de quatrocentos objetos de história natural. Os *Annales maritimes et coloniales* discriminaram não apenas as ordens dos objetos coletados, mas ressaltaram as espécies cujas amostras eram recebidas pela primeira vez na coleção de Brest.<sup>54</sup> O porto de Toulon, por sua vez, também recebeu amostras dos diferentes reinos da natureza. Em sua edição de 1820, os *Annales maritimes et coloniales* publicaram, mediante nota assinada pelos membros do Conselho de Saúde da Marinha, uma lista dos objetos “recolhidos, preparados e conservados” pelo oficial Bayol, os quais foram depositados no gabinete da Escola de Saúde de Toulon, dentre os quais se destacaram cerca de duzentos e quarenta espécies de insetos, representadas por mais de quinhentos indivíduos coletados, assim como quarenta espécies de grãos coletados tanto em Caiena, como no Brasil e na Martinica.<sup>55</sup>

As regiões portuárias se destacaram não apenas mediante a recepção de objetos e espécies, mas também por meio da garantia do envio de produtos de história natural para outras regiões. Elas foram, portanto, locais onde se desenvolveram estratégias de circulação de objetos de história natural, e esse aspecto também foi registrado nas páginas dos *Annales maritimes et coloniales*. A edição de 1829 do periódico publicou, por exemplo, um relatório emitido pelos

naturalistas Brisseau de Mirbel e Jussieu, do *Muséum d'histoire naturelle* de Paris, no qual se elogiava tanto a atividade do diretor do jardim botânico de Toulon, Aubert, quanto a do cirurgião da marinha Brossard. Ambos haviam garantido, dois anos antes, o transporte de mais de vinte espécies de vegetais de Toulon à então ilha Bourbon.<sup>56</sup> Tratava-se de uma façanha, haja vista que, como ressaltou o historiador Stuart McCook, embora em fins do século XVIII e início do século XIX novas técnicas de transporte de sementes e vegetais tenham sido continuamente testadas por marinheiros e naturalistas, o que garantiu algumas transferências de êxito, “o processo permanecia ainda em grande medida ineficiente e muitas plantas ainda morriam em longas viagens marítimas”<sup>57</sup>.

A região portuária que mais se destacou nos *Annales maritimes et coloniales* foi, no entanto, Rochefort. Ao longo dos anos iniciais do periódico, predominou uma representação positiva do potencial de inserção da região em um circuito nacional de história natural, como se averigua em carta publicada em 1817, dirigida ao redator Bajot, na qual se lamentava “o pouco de consistência que oferecia o *Muséum* da escola de medicina do porto de Rochefort” em anos pregressos, para em seguida se explicitar a trajetória positiva das coleções disponíveis no estabelecimento, principalmente após 1804.<sup>58</sup> Elogiava-se o vínculo entre uma nova situação política e a recuperação de territórios coloniais, o que renovava as condições de acúmulo de objetos de história natural na região portuária:

*Até 1814, o gabinete pouco aumentou, e ainda em espécies do país. Substituíam-se por indivíduos em melhor conservação aqueles cuja preparação foi mal assistida. Mas a vinda da paz trouxe um novo desenvolvimento a essa prosperidade, e desde então foi possível acreditar que esse estabelecimento, seguindo um rápido crescimento, iria se tornar de fato interessante. O Sr. Maurisset, doutor médico, foi convidado, a essa época, a lhe conferir cuidados. Sua primeira ocupação foi estabelecer rigorosamente, com base nos melhores autores, os nomes e a sinonímia de cada objeto que organizava no gabinete; ele conferiu à sua organização um espírito metódico que foi capaz de guiar os alunos em seu estudo.*

*A retomada de possessão, ou as viagens em nossas colônias desde 1814 até o ano de 1817 inclusive, vão agora nos fornecer, em grupos, um quadro dos objetos que os oficiais de saúde, navegantes do porto, recolheram em suas viagens.*<sup>59</sup>

O maior motivo para o destaque de Rochefort nos *Annales maritimes et coloniales* foi, no entanto, a atividade de escrita de um oficial formado na região. O supracitado oficial René Primevère Lesson, cuja trajetória se deu predominantemente em Rochefort,<sup>60</sup> destacou-se de várias formas, tendo várias contribuições publicadas no periódico.

Assim como os portos de Brest e Toulon, Rochefort também teve o recebimento de novos objetos de história natural devidamente acompanhados por meio das páginas dos *Annales maritimes et coloniales*, e esse tipo de registro foi predominantemente feito por Lesson. Em 1819, por exemplo, o oficial descreveu uma rede de coletas feitas por oficiais em expedições ou baseados em territórios coloniais. Relatou, assim, o envio de conchas realizado pelo capitão de fregata Gizolme, o qual ocorreu junto ao envio de “uma planta da qual se servem alguns colonos do Cabo, enquanto licor intelectual, e que chamam de *café selvagem*”, assim como o envio de insetos pelo cirurgião de primeira classe Maurisset, o qual fora acompanhado pelo envio de outras espécies, dentre elas os quadrúpedes então classificadas como *Pteropus rubicollis*, *Pteropus Edwardsii* e o pássaro *Falco ponticerianus*, coletados pelo também oficial Félix Faye. Outro envio frisado por Lesson foi o realizado pelo cirurgião Lemarinier, baseado na Guiana, que enviara uma “caixa de insetos coleópteros perfeitamente conservados”, a qual fora “acompanhada de um grande número de pássaros e frutos da América meridional”, dentre eles os então designados como “papagaio violeta de Caiena”, conhecido por colonos como “papagaio do Oiapoque”, a “garça da mata” (*héron agami*), bem como os então classificados como *vultur papa* e *anas Caiannensis*.<sup>61</sup> Novos objetos foram descritos na edição do ano seguinte, em tom de exaltação por parte de Lesson, que comemorava o fato de esses materiais se tornarem “os elementos de instrução de oficiais de saúde navegantes, que, ansiosos por responder à confiança do Governo, colocam à disposição todos os ramos das ciências médicas e naturais”.<sup>62</sup> Seguiu, desse modo, descrevendo os méritos do contra-almirante Halgan, bem como a contribuição feita pelo cirurgião de primeira classe Tardy.<sup>63</sup> A mesma edição também apresentou outro relatório assinado por Lesson, qual avaliava os objetos recolhidos pelo oficial de saúde de segunda classe Bergeron, o qual participara de uma expedição

junto ao comandante Robin e, em função disso, havia acabado de fazer “uma doação à escola de uma coleção formada na Guiana francesa, nas Antilhas e nos Estados da União da América”. Mediante esse relatório, Lesson não apenas discriminou as diferentes contribuições de Bergeron, mas também ressaltou o papel de “um Ministério esclarecido e amigo das ciências”, frisando o potencial do trabalho de oficiais de saúde da Marinha e, desse modo, sedimentando a legitimação da atividade desse grupo no campo da história natural francesa.<sup>64</sup> Além disso, é possível afirmar que o oficial contribuiu para legitimar a sua própria inserção diferenciada no campo da história natural mediante essas avaliações, uma vez que, diferentemente das listas de objetos referentes a outros portos, as listas referentes a objetos enviados a Rochefort foram as únicas a continuamente apresentarem a assinatura de um oficial de saúde que os avaliasse.

Lesson continuou a constar das páginas dos *Annales maritimes et coloniales* enquanto um representante do campo da história natural de Rochefort até mesmo após ter realizado o périplo de volta ao mundo junto a Louis Duperrey, entre 1822 e 1825. Em 1829, o periódico reproduziu integralmente um longo discurso de abertura proferido quando da abertura do curso de botânica da Escola de medicina de Rochefort.<sup>65</sup> Esse texto se destaca não apenas por explicitar as filiações conceituais de Lesson no interior do campo da botânica, as quais foram expressas mediante o elogio à “botânica organográfica” e uma crítica enfática à inspiração sem método representada por um autor como Bernardin de Saint-Pierre<sup>66</sup>, mas também pelo esforço no sentido de registrar uma memória referente aos estabelecimentos de história natural situados em Rochefort. Mediante a reprodução de seu discurso nas páginas dos *Annales maritimes et coloniales*, o oficial configurou a possibilidade de construção de uma memória para a instituição da qual fazia parte, uma vez que ressaltara o fato de ter sido “do seio de nossa escola” que saíram oficiais de saúde como Quoy e Gaudichaud<sup>67</sup>, que se destacaram em expedições de volta ao mundo, assim como estabelecera, além disso, uma narrativa para a trajetória dessa escola, entrelaçando o seu papel para a monarquia, para o colonialismo e para o ensino de botânica:

*Os jardins botânicos, ou melhor, os jardins de plantas de Paris, de Montpellier, de Strasbourg, tiveram seus historiadores: permiti-me de vos lembrar apenas algumas datas sobre aquele de nossa escola. Localizado em 1730 em uma área estreita, vizinha do antigo hospital da marinha, ele permaneceu até os últimos anos sem importância, foi contudo em suas estufas que se cultivou o primeiro cafeeiro que Desclieux transportou à Martinica, por ordem de Louis XIV, e que se tornou a estirpe das plantações de café das Antilhas francesas. (...) Demasiado estreito, esse estabelecimento só poderia exercer de modo imperfeito o papel para o qual estava destinado: há muito tempo uma necessidade de melhorias se fazia sentir; e é preciso confessar que, sob esse aspecto, os votos da escola foram amplamente satisfeitos pela agilidade e boa vontade com as quais uma administração tutelar tomou os cuidados dignos de um dos primeiros arsenais da França. Tudo promete, portanto, que o depósito atual de nossas riquezas vegetais adquirirá em breve uma rápida ascensão; e se, há dois anos, ele vos oferece uma metamorfose tão completa, assim o será, portanto, quando a vegetação, desenvolvendo mais amplamente as formas que a caracterizam, tiver alcançado o crescimento e o grau de vigor que imprimem um valor especial aos jardins consagrados ao estudo da botânica.<sup>68</sup>*

O maior símbolo do destaque de Lesson e, conseqüentemente, de Rochefort no periódico da Marinha talvez tenha sido, ainda assim, o supracitado manual de taxidermia, que o então jovem oficial articulou junto ao redator Bajot. Por meio desse projeto, evidencia-se em que medida os *Annales maritimes et coloniales* funcionaram não apenas como um *locus* por meio do qual as diferenciações regionais da França foram inventariadas, registradas e mesmo analisadas, mas também como um *locus* por meio do qual essas regiões se manifestaram no campo científico francês, inclusive da história natural. Por intermédio das páginas do periódico, Lesson, representando Rochefort, desempenhou um papel de destaque na configuração do protocolo de práticas científicas, de modo semelhante ao realizado pelos professores do *Muséum d'histoire naturelle* de Paris, mediante a redação de instruções a viajantes da Marinha. O manual que, como mencionado anteriormente, Lesson começara a redigir em 1818, teve sua publicação concluída já no ano seguinte, por meio da edição de seu quinto artigo do manual de taxidermia de Lesson em 1819,<sup>69</sup> assim como de seu sexto e último artigo, também no mesmo tomo dos *Annales maritimes et coloniales*.<sup>70</sup> O que se destaca em sua conclusão é, acima de tudo, o reconhecimento do êxito editorial de Lesson, tornado público pelo próprio redator, que registrou nas

páginas do periódico a distinção alcançada pelo jovem oficial e, também, sua adequação às exigências editoriais do periódico da Marinha:

*Ao retirar o que se refere ao histórico da arte, a diversos procedimentos complicados, a generalidades pouco importantes para aqueles aos quais seu trabalho é especialmente dedicado, o sr. Lesson conseguiu reduzir o número de artigos a seis, em vez dos doze que ele havia proposto inicialmente.*

*Desse modo, os oficiais da Marinha deverão a um jovem botânico, em igual medida modesto, dedicado e instruído, um manual de taxidermia que lhes fornecerá, em todas as regiões do globo às quais sua profissão os chama, os meios fáceis de enriquecer ou aumentar nossas coleções de história natural; pois a dificuldade consiste menos em recolher objetos do que em bem prepará-los inicialmente, e em seguida assegurar sua conservação. Nunca é demais repetir, as expedições empreendidas pelos homens de ciência que o Governo encoraja serão sempre em número pequeno, em comparação aquelas dos oficiais da marinha, que viajam continuamente e que se tornam, desse modo, os auxiliares universais e permanentes da ciência.*

*Os seis artigos do sr. Lesson formam, no tocante a essa matéria, um corpo de preceitos que ainda não se encontrava disponível em lugar algum.<sup>21</sup>*

## Os *Annales maritimes et coloniales* e as relações entre espaços coloniais e história natural

A “França colonial”, para utilizar um termo recorrente nos *Annales maritimes et coloniales*, obteve destaque no periódico, em consonância com o próprio nome e a natureza do Ministério. Formulações no âmbito da história natural foram publicadas em referência a várias áreas sob domínio territorial do Estado francês, notadamente em função dos saberes que se elencavam na busca por uma melhor agricultura colonial, como já ressaltado. As publicações nesse âmbito foram escritas por autores de posições e ocupações variadas. Não apenas oficiais, mas colonos, dirigentes políticos e naturalistas civis tiveram textos acerca de espaços coloniais publicados nos *Annales maritimes et coloniales*. Esses textos apresentavam ora um caráter descritivo, concentrando-se em produtos coloniais e descrições regionais, ora um caráter propriamente prescritivo, avaliando e sugerindo diretrizes coloniais e mesmo técnicas agrícolas.

Vários foram os colonos cujos textos foram publicados, integral ou parcialmente, nas páginas do periódico da Marinha. Muitas vezes esses textos foram produzidos em função de associações locais. Uma nota sobre o chá escrita pela Sociedade de instrução guianense em fevereiro 1820, em função da importação então “recente de várias jovens plantas de chá a Caiena”, foi prontamente publicada pelos *Annales maritimes et coloniales*. Esse texto descreveu a origem chinesa da planta<sup>22</sup> e alguns detalhes gerais sobre procedimentos de colheita e preparação de folhas, mas não apresentou qualquer tipo de instrução ou análise da situação da introdução da planta na colônia, mencionando apenas o fato de as plantas introduzidas terem sido retiradas no Brasil e ressaltando que, das seis plantas levadas à colônia, três encontravam-se no jardim real de plantas e o restante em uma habitação particular.<sup>23</sup> Outro exemplo é o espaço que foi concedido, nas páginas do periódico, a Joseph Hubert, “habitante [da ilha Bourbon] e correspondente da Sociedade real de agricultura da ilha Bourbon”, por meio da publicação dos trechos de uma carta que escrevera a um comissário da Marinha “encarregado dos detalhes do serviço administrativo dessa colônia”. O objetivo da publicação foi retificar uma informação registrada por Lesson no tocante às circunstâncias da introdução do café na ilha, enfatizando a vinda direta do café de Moka, principalmente mediante a administração de Pierre Milius.<sup>24</sup> Espaço editorial ainda maior foi concedido a J. A. Noyer, apresentado como “colono e deputado de Caiena”, que teve publicado no periódico da Marinha um texto de mais de dez páginas sobre a mandioca, no qual contrapôs o campo de experiências oferecido pelas vivências na colônia àquele decorrente de expedições científicas: ao discorrer sobre o potencial venenoso da mandioca, o colono foi enfático ao afirmar que “todas as experiências de la Condamine e de Bajon sobre o caldo da mandioca não nos ensinam nada sobre a natureza desse veneno”.<sup>25</sup>

Outros textos não apresentaram uma autoria explícita, e foram publicados em formato mais próximo ao de relatórios. Muitas vezes, eles ressaltaram as variedades de práticas agrícolas no espaço colonial francês, assim como a variedade de seus atores. Um texto publicado na edição de 1821 dos *Annales maritimes et coloniales*, por exemplo, propunha um inventário de “terras próprias à cultura de diversas produções coloniais, e mais particularmente dos instrumentos e procedimentos empregados na fabricação do açúcar”.<sup>76</sup> Apresentado como continuidade a um texto publicado na edição de 1816, no qual se discutiram os métodos de cultivo da cana de açúcar utilizados na Martinica pelo colono Eyma, o texto de 1821 analisou diferenças tanto no tocante aos moinhos que poderiam ser utilizados quanto no que se referia às várias espécies de cana, frisando as variedades “d’Otaiti” e de “Batavia”.<sup>77</sup> A atenção conferida às variações locais na produção de açúcar indica em que medida a Marinha francesa atualizava sua inserção no quadro da “heterogeneidade dos atores que desempenharam papéis no desenvolvimento da agricultura científica tropical do açúcar”, para usar a expressão cunhada pela historiadora Leida Fernandez-Prieto, quadro este em que atores franceses já haviam ressaltado o diferencial das variedades da cana-de-açúcar, principalmente em função do colonialismo em São Domingos.<sup>78</sup> Também sem autoria explícita, mas igualmente elucidativo de como a Marinha francesa inventariou as diferenciações regionais no interior do território do colonialismo francês, foi a “Nota sobre a Guiana” publicada na edição de 1826 dos *Annales maritimes et coloniales*, na qual se analisou a “salubridade de seu clima” e os procedimentos de “cultura e descaroçamento do algodão”, ressaltando-se que, dentre todas as “possessões” que se situavam “na zona tórrida”, a ilha de Caiena seria “a mais sã e a mais fértil”.<sup>79</sup> A própria transmissão de informações e percepções acerca de tais procedimentos coloniais foi divulgada no periódico. Em 1819, publicou-se uma curta nota referente a “detalhes sobre as melhorias operadas nas Antilhas, por meio dos cuidados da comissão de agricultura colonial estabelecida junto ao Ministro da Marinha e das Colônias”. Embora tenha sido uma publicação de apenas uma página, nela se explicitava uma verdadeira rede administrativa e cadeia de apropriações de técnicas no interior do colonialismo francês. A publicação relatou como “o governador da Martinica convidou colonos que cultivam o café a fazer experiências” referentes ao enxerto do cafeeiro de Moka em plantas originais das Antilhas ou naturalizadas, para que em seguida lhe comunicassem os resultados e ele pudesse, assim, transmiti-los ao ministro.<sup>80</sup> Com efeito, independentemente da autoria explicitada ou não em certos textos, os *Annales maritimes et coloniales* terminaram por colocar em evidência a heterogeneidade dos atores envolvidos no colonialismo francês e na discussão de suas possibilidades técnicas.

Ainda assim, tal como no caso dos colonos supracitados, houve a menção explícita a indivíduos que se inseriram na dinâmica da agricultura colonial, como naturalistas, botânicos e, claro, oficiais da marinha. O modelo de textos ressaltando o movimento de oficiais viajantes e suas contribuições também se deu nesse sentido, em modo semelhante ao dos textos que registraram a proatividade de oficiais no tocante às coleções de história natural francesas. Esse foi o caso da nota referente à “introdução de plantas do Brasil na Guiana”, a qual elogiou a atividade do tenente Chieusse, o qual soube, segundo a redação do periódico, “mediante seu caráter e suas maneiras francesas, cativar a boa vontade do governador e a amizade dos habitantes do Pará”, de modo a recolher amostras de “várias plantas”, dentre as quais algumas poderiam “tornar-se preciosas para a colônia”.<sup>81</sup> A edição de 1822 do periódico, por sua vez, contou com a publicação de um ensaio, escrito pelo naturalista do Rei na Índia, Leschenault de la Tour, e pelo supracitado Nicolas Bréon, diretor do Jardim real da ilha de Bourbon, no qual se discutiam métodos para o “melhoramento dos algodoeiros mediante enxertos”.<sup>82</sup>

Os textos sobre agricultura colonial publicados nos *Annales maritimes et coloniales* também foram, muitas vezes, discriminados mediante regiões. Um território que recebeu bastante destaque foi o Senegal. Esses textos evidenciam em que medida o periódico funcionava como um local de divulgação e prescrições referentes às atividades possíveis em áreas coloniais, assim como tornava público o elo entre o Ministério da Marinha e das Colônias e o campo da história natural justamente em função das pautas de colonização. Houve uma continuidade no tocante a esses aspectos. Um exemplo são os textos referentes à cultura do índigo. Na edição do periódico de 1825, foi divulgado um pedido feito pelo ministro da Marinha para que professores do *Muséum d’histoire naturelle* submetessem amostras de índigo fabricado no Senegal a análises químicas. Tratava-se de compreender a inferioridade das amostras, que alcançariam “um fraco valor no comércio”. Essa inferioridade foi explicada em função da “grande proporção de matéria vegetal e animal que

delas não era separada”, o que traria “esperança” para a cultura do índigo na colônia. O texto foi concluído com uma exortação na qual se afirmava que “seria, para capitalistas franceses, uma empreitada simultaneamente honrável e vantajosa, de conceder fundos para estabelecer usinas de índigo no Senegal”.<sup>83</sup> A temática foi novamente abordada no ano seguinte, o que evidencia o comprometimento editorial com esse tipo de diretriz. Em 1826, o periódico publicou regulamentações referentes ao estímulo à extensão de culturas, ressaltando o papel de um professor de farmácia na Marinha, Plagne, no tocante ao procedimento de envio de amostras de índigo do Senegal à França.<sup>84</sup> Mais uma vez, o periódico concluía a abordagem à questão mediante uma exortação à boa vontade dos capitalistas franceses:

*Assim pode-se esperar que o Senegal, onde o algodão prospera, onde a amoreira teve êxito, onde a cochoni-lha parece se naturalizar, fornecerá em breve à França uma parte do índigo que ela consome, e a libertará inteiramente um dia do tributo que por esse produto ela paga ao estrangeiro. Essa perspectiva, junto às numerosas chances de sucesso que oferecem outros gêneros de culturas, clama os capitais, único elemento de prosperidade que ainda falta a essa colônia. Há na França luzes o suficiente acerca dos verdadeiros interesses do país, para que possamos temer que um apelo como esse não seja ouvido.*<sup>85</sup>

Não era a primeira vez que culturas no Senegal eram comentadas no periódico, que inclusive reproduzira posições emitidas fora dos circuitos da Marinha. Em 1822, por exemplo, publicou-se carta escrita por um negociante em Saint Louis, apresentado como “antigo aluno da escola politécnica”, na qual se comentava o sucesso de culturas de “plantas equinociais”, ressaltando também, no entanto, a necessidade de mais capitais.<sup>86</sup> Dois anos mais tarde, registrava-se nas páginas do periódico o êxito de ovos de bichos-da-seda transportados ao Senegal, assim como de plantas e grãos exógenos à região africana e trazidos das Antilhas em embarcações.<sup>87</sup> Além disso, mais uma vez se reproduzia uma carta escrita do Senegal, com descrições sobre o êxito de colonos e da introdução de diversas plantas intertropicais, ainda que, novamente, mediante a advertência de que a colônia esperava ainda “os capitais, a indústria e a atividade da metrópole”.<sup>88</sup> O envolvimento de professores vinculados ao *Muséum d’histoire naturelle* em Paris com a questão da colonização do Senegal também já havia sido descrito pelo periódico da Marinha, pois em 1822, justamente por meio do Ministério, haviam sido enviadas cinco caixas “contendo amostras colhidas ao acaso em diversos pontos desse território”, as quais foram, em seguida, submetidas a análises químicas no *Muséum d’histoire naturelle* pelo professor-secretário Laugier. O resultado das análises emitido pelo professor, datado de dezembro de 1823, foi publicado integralmente pelo periódico no ano seguinte.<sup>89</sup> Essas ocorrências demonstram em que medida o periódico da Marinha funcionou como um circuito de comunicação pública que, mediante a história natural, conectava negociantes, colonos, homens de ciência e dirigentes no Ministério da Marinha e das Colônias. Houve, além disso, uma continuidade editorial que permitiu mais do que a simples divulgação de problemas coloniais. Por meio de suas páginas, os *Annales maritimes et coloniales* expuseram não apenas os anseios coloniais, mas também a averiguação de métodos de cultura e auxílios concedidos a produções. Assim, em 1827, foram publicados os resultados obtidos por algumas culturas após a concessão de benefícios e apoios, cujos textos de regulamentação foram igualmente publicados na parte de cunho burocrático do periódico.<sup>90</sup>

53

## Considerações finais

Os *Annales maritimes et coloniales*, enquanto publicação periódica da Marinha francesa editada em Paris, evidentemente guardam em suas páginas símbolos que remetem, em um primeiro momento, à centralidade que esse lugar de edição ocupou, tanto no quadro institucional da própria Marinha, como no quadro territorial francês. Os *Annales* foram editados na capital da França, e não em Toulon, tampouco em Caiena. Essa condição se manifestou nos escritos, no escopo de assuntos elencados, na coleta e na seleção de textos a integrarem as edições finais.

Esse escopo e essa seleção editorial, no entanto, deixaram registros de dinâmicas que transcendem e matizam essa condição de centralidade. Tendo-se em vista os debates acerca das categorias de ciência colonial e ciência me-

tropolitana, ou mesmo de centros e periferias na produção do conhecimento, sobretudo em quadros de relações entre ciência e império<sup>91</sup>, é possível afirmar que os *Annales maritimes et coloniales*, a despeito de terem sido um “periódico central”, registraram uma multiplicidade de atores e procedimentos regionais e coloniais, que não seguiam apenas diretrizes vindas de Paris, mas que, na verdade, também condicionavam o desenrolar de experiências e trocas realizadas nos circuitos que podiam unir cidades como Saint-Pierre, Brest e Paris. Essa multiplicidade denota mais do que uma mera justaposição de eventos e ações<sup>92</sup> reunidas textualmente pelas mãos de um editor como Bajot. Elas são evidências das especificidades da inserção francesa em um quadro europeu de expansão territorial com atividades científicas.<sup>93</sup> É claro que maiores especificidades podem ser evidenciadas mediante uma comparação entre os *Annales maritimes et coloniales* e outros periódicos contemporâneos, sobretudo aqueles editados em outras regiões e territórios coloniais. Ainda assim, o tipo de material que o periódico da Marinha francesa colocou em destaque e em circulação, ressaltando experiências coloniais e intercâmbios entre as diferentes regiões sob domínio francês, já é uma evidência da agência dos diferentes atores envolvidos no processo, mesmo enquanto reações a demandas metropolitanas<sup>94</sup>.

Um olhar sobre o lugar da história natural nessa publicação, por sua vez, é uma opção que permite explicitar como essas tensões se manifestaram no periódico. Outros campos de atividade científica, como a astronomia e a cartografia, certamente também configuraram um espaço editorial igualmente complexo. No entanto, o fato de a história natural elencar atores civis com uma inserção de destaque no campo científico francês, tanto em termos individuais como em termos institucionais, é algo que tornou mais evidentes as especificidades da inserção da Marinha francesa no campo científico francês. Além disso, os circuitos, embates e disputas no interior do campo da história natural francesa ressaltados mediante a arena textual que foram os *Annales maritimes et coloniales* são, eles próprios, também uma evidência dos limites desse campo que, embora possuísse ambições universais, também foi inescapavelmente situado e local. Como já se ressaltou, os projetos universalistas concebidos em “centros europeus” podem ser provincializados também no tocante à história natural<sup>95</sup>. Nesse sentido, todas as redes e circuitos de objetos de história natural e técnicas agrícolas que foram registradas nos *Annales maritimes et coloniales* foram evidências não só de uma virtual globalidade, mas também de dinâmicas provinciais.

54

## Notas e referências bibliográficas

Daniel Dutra Coelho Braga é doutor em história social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: danielcutracb@gmail.com

- 1 LESSON, René-Primèvere. Carta enviada a Bajot. Rochefort, 5 de novembro de 1818. Manuscrits de la bibliothèque du Muséum national d'Histoire naturelle – Ms 2545: “Lettres autographes de René Primèvere Lesson à « Monsieur Bajot chef du bureau des loix (sic) au ministère de la marine »”. Todas as citações referentes a textos originalmente em francês ou em inglês são traduções livres realizadas pelo autor deste trabalho.
- 2 Cf. CARON, Jean-Claude. *La France de 1815 à 1848*. Deuxième édition. Paris: Armand Colin, 2011 [1993], p.15.; WARESQUIEL, Emmanuel de. *C'est la Révolution qui continue! La Restauration, 1814-1830*. Paris: Tallandier, 2015, pp. 79-80.
- 3 Cf. TAILLEMITE, Étienne. Restauration? In: \_\_\_\_\_. *L'histoire ignorée de la marine française*. Paris: Perrin, 1988, pp. 307-316.
- 4 Estudos gerais sobre a Restauração Bourbon referenciam o processo, porém por vezes sem elencar variáveis de debates de história das ciências. Para Jean-Claude Caron, por exemplo, ao longo da Restauração, “as ciências permanecem um domínio de algum modo marginal. Seu ensino continua ainda muito reduzido, ainda que, em vários domínios, haja progressos decisivos”. Cf. CARON, 2011 [1993], op.cit., p. 86.
- 5 Cf. BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales. Tome III. Revue coloniale*. Paris: Imprimerie Royale, 1843.
- 6 Cf. BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Table méthodique et raisonnée, par ordre alphabétique, des matières contenues dans les Annales maritimes et coloniales. Partie Non Officielle (Sciences et arts), depuis 1842 jusques et y compris 1847*. Tome III. Paris: Imprimerie Nationale, 1851.
- 7 Exemplos desse tipo de uso são abundantes na obra do arquivista e historiador da Marinha francesa Étienne Taillemite (1924 – 2011). Esse historiador se apropriou dos *Annales maritimes et coloniales*, por exemplo, ao citar os relatórios referentes a expedições como evidência do êxito que essas empreitadas alcançaram, como quando comentou as observações astronômicas realizadas por Louis de Freycinet junto à expedição comandada por Nicolas Baudin. Uma das poucas menções explícitas aos *Annales maritimes et coloniales* na obra de Taillemite se dá ao comentar em que medida o periódico contribuiu para a monumentalização de um dos textos decorrentes da expedição comandada no final do século XVIII por Joseph Antoine d'Entrecasteaux, sem, todavia, maiores análises. Cf. TAILLEMITE, Étienne. *Marins français à la découverte du monde: De Jacques Cartier à Dumont d'Urville*. Paris: Fayard, 1999, p. 436, 465.
- 8 MCKENZIE, Donald F. *Bibliography and the sociology of texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 23.

- 9 Para transformações teóricas no âmbito da anatomia comparada, notadamente por meio dos programas e ações de Georges Cuvier, ver, por exemplo, FÁRIA, Felipe. *Georges Cuvier: do estudo dos fósseis à paleontologia*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- 10 Para os vínculos entre história natural e agricultura colonial, ver KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780 – 1830)*. Paris: L'Harmattan, 2001.
- 11 Cf. TAILLEMITE, 1999, op.cit., p. 413; KURY, 2001, op.cit., p. 134.
- 12 Para um estudo de caso referente a essas dinâmicas, ver BRAGA, Daniel Dutra Coelho. O processo de publicação do relato da viagem científica do oficial da Marinha francesa Louis Duperrey. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina; GONÇALVES, Monique de Siqueira; MOMESSO, Beatriz (Org.). *Imprensa, livros e política no Oitocentos*. São Paulo: Alameda, 2018, pp. 303-334.
- 13 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile partie*, 1829, T. 1, pp. 505-517.
- 14 André Thouin foi jardineiro-chefe no Jardim du Roi, à época da administração de Buffon, sucedendo seu pai no cargo após seu falecimento. Atuou politicamente ao longo dos anos da Revolução e se destacou enquanto professor de culturas e economia rural ao longo do século XIX. Tornou-se membro do *Institut* e de sociedades científicas diversas. Faleceu em 1824. Sobre sua trajetória, ver a edição comentada de manuscritos organizada por LETOUZEY, Yvonne. *Le Jardin des Plantes à la croisée des chemins avec André Thouin, 1747-1824*. Paris: Éditions du Muséum d'Histoire naturelle, 1989; e KURY, 2001, op.cit., pp. 98-101.
- 15 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile partie*, 1820, p. 166.
- 16 Idem, pp. 906-908.
- 17 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1818, p. 528.
- 18 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1821, p. 900.
- 19 Para Saint-Hilaire, ver KURY, Lorelai. La politique des voyages et la culture scientifique d'Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853). In: LAISSUS, Yves (Dir.). *Les naturalistes français en Amérique du Sud, XVIe-XIXe siècles*. Paris: Éditions du CTHS, 1995, pp. 235-245.
- 20 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1818, p. 756.
- 21 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1824, T. 2, p. 184.
- 22 Sobre a trajetória do *Muséum d'histoire naturelle*, ver, dentre outros, BLANCKAERT, Claude; COHEN, Claudine; CORSI, Pietro; FISCHER, Jean-Louis (Coord.). *Le Muséum au premier siècle de son histoire*. Paris: Éditions du Muséum national d'Histoire naturelle, 1997.
- 23 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1824, T.2, pp. 300-303, *passim*.
- 24 Idem, p. 303.
- 25 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1821, p. 769.
- 26 TAILLEMITE, 1999, op.cit., p. 464.
- 27 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1820, pp. 807-809.
- 28 “Desde o início de sua carreira, Thouin dedica seu tempo à promoção da utilidade das ciências naturais”, segundo KURY, 2000, op.cit., p. 98.
- 29 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1821, p. 770.
- 30 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1818, p. 634-679.
- 31 Essas instruções são referenciadas em diversos estudos. Cf. OSBORNE, 2014, op.cit., p. 82; KURY, 2000, op.cit., pp. 94-98.
- 32 As grandes expedições de volta ao mundo, em modelo semelhante às realizadas no século XVIII, foram estimuladas ao longo da Restauração Bourbon e também ao longo da Monarquia de Julho. Diversos estudos de caráter geral sobre os períodos as mencionam. Alguns exemplos de estudos específicos sobre as viagens são BATESTI, Michèle. *Images des mers du Sud. Le voyage de la corvette “La Coquille” (1822-1825)*. Paris: Éditions du May, 1993.; BERIOT, Agnes. *Grands voiliers autour du monde. Les voyages scientifiques 1760-1850*. Paris: Éditions du Pont Royal Del Duca-Laffont, 1962.; BLAIS, Hélène. *Les voyages français dans le Pacifique. Pratique de l'espace, savoirs géographiques et expansion coloniale (1815-1845)*. Thèse pour l'obtention du grade de Docteur de l'EHESS. Discipline: Histoire. Paris: EHESS, 2000.
- 33 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1825, T. 2, p. 189.
- 34 Idem, p. 157.
- 35 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1825, T. 1, p. 379.
- 36 Cf. QUOY, Jean René; GAIMARD, Paul. *Voyage autour du monde, entrepris par Ordre du Roi, exécuté sur les corvettes de S. M. l'Uranie et la Physicienne, pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820. Zoologie, 2.e partie*. Paris: Pillet Aîné, 1824, pp. 402-409.
- 37 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1827, T.1, p. 832.
- 38 Cf. LESSON, R. P. Histoire naturelle. In: BOUGAINVILLE, Hyacinthe de. *Journal de la navigation autour du globe de la frégate la Thétis et de la corvette l'Espérance. Tome Second*. Paris: Arthus Bertrand, 1837, pp. 297-351, *passim*.
- 39 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1825, T.2, pp. 169-177.
- 40 Idem, p. 170.
- 41 Idem, pp. 173-174, grifos do autor.
- 42 Para as diferenças entre regiões portuárias e Paris no tocante à medicina colonial, ver OSBORNE, Michael A. *The emergence of tropical medicine in France*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2014. Étienne Taillemite, por sua vez, ressaltou as descontinuidades no tocante à manutenção e investimento em portos, a despeito dos esforços da política marítima de Richelieu em áreas como Brest e Toulon. Cf. TAILLEMITE, 1988, op.cit., p. 59. O problema foi igualmente abordado por historiadores que se dedicaram à compreensão do período da Restauração Bourbon de um modo geral, enfatizando suas conjunturas sociais, políticas e econômicas específicas. Francis Démier, por exemplo, ressaltou que a “situação dos portos era, segundo seus representantes, particularmente catastrófica após a ruptura dos grandes circuitos atlânticos.” DEMIER, Francis. *La France de la Restauration (1814-1830): l'impossible retour du passé*. Paris: Éditions Gallimard, 2012, p. 405.

- 43 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1829, p. 638.
- 44 Idem, pp. 639-640.
- 45 Idem, pp. 639-640.
- 46 OSBORNE, 2014, op.cit., p. 13.
- 47 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1824, T.1, p. 550.
- 48 Idem, p. 550.
- 49 Idem, p. 551.
- 50 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1817, p. 317
- 51 Idem, pp. 318-319.
- 52 Idem, p. 319.
- 53 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1819, pp. 39-45.
- 54 Idem, pp. 720-727.
- 55 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1820, pp. 558-568, *passim*.
- 56 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1829, T. 1., p. 581.
- 57 MCCOOK, Stuart. "Squares of tropic summer": the Wardian case, Victorian horticulture, and the logistics of global plant transfers, 1770-1910. In: MANNING, Patrick; ROOD, Daniel (Eds.). *Global scientific practice in an Age of Revolutions, 1750-1850*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2016, p. 203.
- 58 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1817, pp. 748-750.
- 59 Idem, p. 751.
- 60 René Primevère Lesson nasceu em Rochefort em 20 de março de 1914. Ingressou na escola de cirurgia de Rochefort em 1809 e se tornou cirurgião-auxiliar de terceira classe em agosto de 1811. Em 1814, tornou-se secretário adjunto do conselho de saúde e jardineiro-botânico provisório. Após concurso, tornou-se farmacêutico de terceira-classe em setembro de 1816 e foi promovido à segunda classe em maio de 1821. Foi a Paris em função de sua convocação para a expedição comandada por Louis Duperrey em abril de 1822, e acompanhou o comandante entre agosto de 1822 e março de 1825. Em seguida, foi eleito membro correspondente da Academia de medicina em setembro de 1825, e membro correspondente da Academia de Ciências em 1833. Tornou-se conselheiro municipal de Rochefort em 1837. Faleceu em 1849. Cf. SARDET, Michel. *Médecins & pharmaciens de la marine à Rochefort au XIXe siècle: un apport scientifique majeur*. Paris: Pharmathèmes, 2005, pp. 112-125; BRISOU, Bernard; SARDET, Michel (Dir.). *Dictionnaire des médecins, chirurgiens et pharmaciens de la Marine*. Vincennes: Service historique de la Défense, 2010, pp. 516-518. Um estudo em língua portuguesa que também apresenta uma breve trajetória de René Lesson é o realizado por ROSSATO, Luciana. *A lupa e o diário: história natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822)*. Itajaí: Univali, 2007.
- 61 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1819, pp. 480-484, grifos do autor.
- 62 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1820, p. 161.
- 63 Idem, p. 162.
- 64 LESSON, R. Nomenclature des objets d'histoire naturelle déposés à l'École de médecine du port de Rochefort, et recueillis par M. Bergeron, officier de santé de deuxième classe, chirurgien-major de la flûte de S.M. la Loire, commandée par M. Robin, lieutenant de vaisseau. In: BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile partie*, 1820, p. 978-983, *passim*.
- 65 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile partie*, 1829, T. 2, pp. 41-60.
- 66 Idem, pp. 56-57.
- 67 Idem, p. 55.
- 68 Idem, p. 59.
- 69 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile partie*, 1819, pp. 597-613.
- 70 Idem, pp. 807-820.
- 71 Idem, p. 820.
- 72 José E. Mendes Ferrão ressaltou clivagens no tocante à percepção da origem do chá, frisando que alguns autores "havia localizado a origem da planta nas cordilheiras situadas entre Yunnan, na China, e Assam, na Índia", embora estudos mais recentes tenham apontado uma área "mais ampla, compreendendo a China, o Japão, a Birmânia, a Índia e outras regiões orientais". Cf. MENDES FERRÃO, José Eduardo. *Le voyage des plantes & les grandes découvertes*. Trad. Xavier de Castro. Paris: Chandeigne, 2015, p. 315. Tradução livre.
- 73 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1820, p. 584.
- 74 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1821, p. 526.
- 75 NOYER, M. J. A. Du manioc, de sa culture et de ses produits. In: BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1824, T. 1, p. 97.
- 76 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1821, pp. 222-231.
- 77 Idem, p. 225.
- 78 FERNANDEZ-PRIETO, Leila. Mapping the global and local archipelago of scientific tropical sugar: agriculture, knowledge, and practice, 1790-1880. In: MANNING, Patric; ROAD, Daniel (Eds.). *Global scientific practice in an Age of Revolutions, 1750-1850*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2016, p. 187. Para publicações científicas referente à agricultura colonial francesa do século XVIII, ver McCLELLAN III, James E. *Colonialism and science: Saint Domingue in the Old Regime*. Baltimore/London: John Hopkins University Press, 1992.
- 79 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1826, T. 1, p. 685.
- 80 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1819, p. 615.

- 81 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1827, T. 2, p. 761.
- 82 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1822, T. 1, p. 459.
- 83 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1825, T. 1, pp. 25-26.
- 84 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile Partie*, 1826, T. 2, pp. 132-133.
- 85 Idem, p. 134.
- 86 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile partie*, 1822, T.2, p. 635
- 87 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile partie*, 1824, T.2, pp. 635-636.
- 88 Idem, p. 252.
- 89 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile partie*, 1824, T.1, pp. 77-82.
- 90 BAJOT, Louis Marie (Ed.). *Annales maritimes et coloniales, Ile partie*, 1827, T.2, pp. 648-649.
- 91 Para recapitulações desses debates, ver HODGE, Joseph M. Science and empire: an overview of the historical scholarship. In: BENNET, Brett; HODGE, Joseph M. (Eds.). *Science and empire: knowledge and networks of science across the British Empire, 1800 – 1970*. Basingstoke/Hampshire/New York: Palgrave Macmillan, 2011, pp. 3-29; DANTES, Maria Amélia M. A historiografia sobre ciências e impérios: constituição e desenvolvimento. In: GESTEIRA, Heloisa Meireles; CAROLINO, Luís Miguel; MARINHO, Pedro (Orgs.). *Formas do Império: ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil, séculos XVI ao XIX*. 1a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2014. pp. 561-573.
- 92 Para uma crítica à “justaposição de redes cientistas e configurações intelectuais” em história das ciências, notadamente em seu potencial de interlocução com história global, ver VAN DAMME, Stéphane. Histoire des sciences et des techniques. In: DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P.; OFFENSTADT, N. (Dir.). *Historiographies, I: concepts et débats*. Paris: Gallimard, 2010, pp. 250-251.
- 93 A especificidade da inserção francesa em tal quadro também é defendida por estudiosos como OSBORNE, 2014, op.cit., p. 2.
- 94 Cabe ressaltar, nesse sentido, as conclusões reiteradas por Daniela Bleichmar, em estudo de casos referentes ao campo da botânica do Império espanhol no século XVIII, em função do qual a historiadora afirma que reações coloniais “de modo algum refletem uma atitude de difusão passiva mas sim um engajamento ativo com um projeto imperial que prometia beneficiar interesses locais”. Cf. BLEICHMAR, Daniela. Atlantic Competitions: Botany in the eighteenth-century Spanish Empire. In: DELBOURGO, James; DEW, Nicholas (Eds.). *Science and empire in the Atlantic world*. New York/London: Routledge, 2008, p. 241.
- 95 Cf. LEE, Jung. Provincialising global botany. In: CURRY, H.A.; JARDINE, N.; SECORD, J.A.; SPARY, E.C. (Eds.). *Worlds of Natural History*. Cambridge/New York/Melbourne: Cambridge University Press, 2018, pp. 433-446.

[Artigo recebido em Novembro de 2019. Aceito para publicação em Março de 2020]